

---

**PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS E SENTIDOS EM PRESÍDIO APAC A PARTIR DAS ATIVIDADES DE LAZER**Walesson Gomes da Silva<sup>1</sup>Eliane Silva Machado<sup>2</sup>Ana Karina Ladeira Gomes<sup>3</sup>

Esta pesquisa descreve investigação etnográfica interdisciplinar sobre experiências de lazer de presidiários em um presídio configurado conforme o modelo da Associação de Proteção aos Condenados - APAC, em município da região metropolitana da capital mineira - que se diverge do sistema prisional comum por ter um método próprio de trabalho, denominado "Método Apaqueano". Nele, o cotidiano dos encarcerados é composto por senda predeterminada pela gestão da unidade prisional de forma compartilhada, aproximando-se de um modelo de autogestão. Conquanto, a referida instituição exerce certo controle sobre as ações diárias dos apenados que, de certa maneira, compromete suas práticas sociais de lazer. Diante disso, através de estudo etnográfico, procuramos captar os sentidos e significados atribuídos ao lazer pelos jovens condenados na APAC, suas maneiras de apropriação dos espaços dessa instituição nas suas práticas de lazer e os processos de sociabilidade aí estabelecidos. Assim, realizamos revisão bibliográfica em 3 (três) áreas distintas: 1) o campo de estudos do lazer; 2) as políticas públicas que têm como foco o sistema prisional; e 3) relação entre juventude aprisionada e lazer. Neste texto, apresentamos a prática cotidiana de assistir a televisão para ilustrar o estudo realizado. Dialogamos com propostas acadêmicas na perspectiva da teoria histórico-cultural, buscando entender como esses sujeitos produziam sentidos a partir das atividades de lazer praticadas na prisão. Para tal, utilizamos a metodologia qualitativa, com amparo nas técnicas de observação participante e entrevista semiestruturada. Os resultados alcançados demonstraram que as práticas de lazer sucederam em tempos e espaços abreviados e que seus potenciais formativos e educativos não são explorados pela instituição.

**Palavras-chave:** Lazer. Práticas culturais. Encarceramento. Juventude. Televisão.

### Introdução

Neste artigo, apresento ao leitor, experiências produtoras de sentidos e significados produzidos através de atividades de lazer em um presídio na região metropolitana de Belo Horizonte. Este estabelecimento prisional atua em um sistema diferente ao modelo hegemônico clássico de nosso país, denominado modelo APAC. No entanto, para apresentar essas atividades lúdicas educativas, procuraremos situá-los quanto aos conceitos utilizados na produção desse capítulo, que será dividido em duas partes, a primeira em quatro tópicos que apresentará os conceitos, e a segunda, que apresentará algumas das atividades desenvolvidas. Destacamos que esse capítulo se deriva de uma

---

<sup>1</sup> Professor Dr. Departamento de Educação e Ciências Humanas - Campus Ibirité /UEMG – Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Artes Visuais e Educação Social - NEVES

<sup>2</sup> Professora Mestre do Departamento de Educação e Ciências Humanas - Campus Ibirité /UEMG – Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Artes Visuais e Educação Social - NEVES

<sup>3</sup> Graduada em Eng. Civil e Matemática, Especialista em Gestão.

pesquisa de mestrado realizada recentemente, e que através da observação participante, e outros instrumentos metodológicos, é que nos foi possível perceber o caráter formativo dos momentos de lazer, que proporcionavam aos jovens encarcerados ressignificar suas ações.

### **Sistema prisional estudado**

Na contramão desse sistema prisional clássico, punitivo, que estigmatiza, ao invés de criar possibilidades sociais e políticas, que consomem vultuosos recursos e, ainda, produz um alto índice de reincidência criminal, emergiu, na década de 1970, a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados - APAC. Trata-se de entidade civil de direito privado, com personalidade jurídica própria, que se dedica ao trabalho de reeducação e reintegração social dos condenados com penas de privação de liberdade. Essa proposta desenvolve um método próprio de valorização humana, vinculada à evangelização da população atendida. Na sua proposição, busca, de maneira ampla, a proteção da sociedade, a promoção da Justiça e o socorro às vítimas.

No seu bojo de propostas, essa entidade estabelece como pilar a Constituição Federal que, em seu artigo 5º, estabelece que “a pena será cumprida em estabelecimentos distintos, de acordo com a natureza do delito, a idade e o sexo do apenado” (BRASIL, 1988). Operando como uma instituição de auxílio aos Poderes Executivo e Judiciário na execução penal, tem seu estatuto resguardado pelo Código Civil e pela LEP. Nesse aspecto, a APAC auxilia na administração do cumprimento das penas de privação de liberdade, nos regimes fechado, semiaberto e aberto. Nela, esse preso recebe tratamento espiritual, jurídico, médico e psicológico diretamente da comunidade. A segurança e a disciplina do presídio são constituídas com a participação dos detentos, já que não há, na instituição, policiais ou agentes penitenciários. Essa característica metodológica produz um número ínfimo de funcionários comuns, denominados “inspetores de segurança”, quando se avalia a proporção de presos e trabalhadores no sistema. Além disso, conta com a atuação de voluntários.

Outro fato relevante a ser mencionado é que, nesse método, todos os encarcerados são chamados de recuperandos e tratados pelos próprios nomes, além de serem implicados nas atividades cotidianas da instituição penal.

## Juventude e diversidade

A juventude representa um período de experiências humanas, histórica e socialmente construída, não podendo ser concebidas de forma universalizada; no sentido de se compreender o jovem em “sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios” (DARYRELL, 1996, p. 140). Assim, a juventude constitui um período “fortemente marcado pela diversidade, dependendo das condições sociais (classe social), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero (homens e mulheres) e de regiões” (SPÓSITO 1999, p.1).

Diante dessas considerações, discutir as formas de lazer de jovens é remeter a processos de sociabilidade, de descontração, azaração e construção de subjetividade, frequentes nesse período da vida, e de acordo com Carrano (1999), as práticas de lazer da juventude se afirmam como redes relacionais decisivas para a elaboração de identidades urbanas da juventude:

[o]s fenômenos relacionados com as atividades de lazer estão no centro dos processos de formação da subjetividade e dos valores sociais nas sociedades contemporâneas. Para os Jovens particularmente, as atividades de lazer se constituem num espaço/tempo privilegiado de elaboração da identidade pessoal e coletiva (CARRANO, 1999, p. 138).

Carrano (1999) considera que os processos sociais desenvolvidos nos espaços e momentos de lazer contribuem, significativamente, para a formação dos sujeitos; principalmente, os que são capazes de gerar momentos de sociabilidade dentro dos grupos juvenis.

De acordo com Paulo Freire (2006), ensinar é algo essencial ao sujeito, pois lhe permite criar sua própria identidade cultural; portanto,, torna-se necessária a sensibilização social e política desses jovens. Freire enfatiza, constantemente, que educar não é mera transferência de conhecimentos, mas, sim, conscientização e testemunho de vida.

Para Dayrell (2005), a socialização, uma temática que permeia toda Sociologia clássica; funda-se na ideia de que existe uma articulação estreita entre indivíduo e sociedade. As normas e as organizações, antes de existirem lá fora, são formas de compreensão e ação dos indivíduos na sociedade. O encontro entre os seres humanos é,

assim, fundamental, para a constituição da identidade e do lugar do sujeito nos espaços sociais. Enquanto a socialização é algo mais rígido, fruto da interação com instituições, a sociabilidade é algo fluido, fundado na associação com o outro:

[a] sociabilidade é um símbolo da vida quando a vida surge no fluxo de um jogo alegre e fácil; ela é, contudo, um símbolo da vida. A sociabilidade não muda a imagem da vida além do ponto exigido por uma própria distância em relação a esta. Da mesma maneira, para parecer vazia e falsa, mesmo a arte mais livre e mais fantástica, não importa o quão esteja de qualquer cópia da realidade, alimenta-se de uma relação profunda e leal com essa realidade (SIMMEL, 1983, p. 179 *apud* DAYRELL, 2005, p. 184).

Esse pressuposto nos ajudou a pensar o processo de socialização e de sociabilidade dos jovens da APAC investigada. De um lado, as normas, as regras de convivência dos espaços; de outro, as formas de os jovens se apropriarem da instituição. Aqui, foi fundamental observar os tipos de associação, os tipos de conflitos e as alianças que se instauravam nesse espaço. Outro ponto interesse foi buscar compreender os interesses e os agrupamentos dos jovens durante as atividades de lazer propiciadas pela instituição onde se encontravam.

Os jovens em questão são em sua maioria oriundos das classes menos privilegiadas do nosso país. Além de em sua maioria possuírem baixa escolaridade, sua relação com a sociedade era marcada por estigmas e pelo confronto. Nessas condições, foi importante indagar pelo tipo de juventude que socialmente se constrói. Nesse aspecto era preciso compreender a subjetividade de cada um. Ao nos propormos a um estudo da subjetividade, colocava-se, de forma indivisível, a relação entre indivíduo e sociedade como momentos da constituição do sujeito. Segundo Rey (2003), o desenvolvimento de uma teoria da personalidade centrada na constituição subjetiva só é possível se:

[a] ideia de sujeito recupera o caráter dialético e complexo do homem, de um homem que de forma simultânea representa uma singularidade e um ser social, relação esta que não é de determinação externa, mas uma relação recursiva em que cada um está simultaneamente implicado na configuração plurideterminada dentro da qual se manifesta a ação do outro (REY, 2003, p. 224).

Com isso, a constituição do sujeito resulta de suas ações, que constituem sua subjetividade, a partir dos processos de significação e sentido que se organizam na personalidade, em articulação com espaços sociais em que o sujeito está inserido. Esses desafios nos levaram a buscar sentidos e significados envolvidos na relação desses sujeitos com a instituição mediados por experiências de lazer tensionadas pelo trabalho,

pela disciplina, pela escolarização, e demais atribuições sociais e individuais daqueles detentos.

De todo modo, pautamos, neste estudo, pela singularidade social daqueles jovens no compartilhamento com experiências de lazer num sistema penal diferenciado que, ainda, apresentava elementos de um ascetismo configurado no exercício físico e mental do trabalho a como remição das suas penas e redenção dos seus percalços (WEBER, 2004). Sendo assim, remetemos a discussão para as concepções de lazer.

### **Concepção de Significado e Sentido.**

Diante da proposta constituída para o desenvolvimento desse capítulo, fez-se necessária a construção dos conceitos de sentido e significado. Para isso, buscamos embasamento teórico em Vygotsky (2000, 2003, 2005) e Rey (1995, 2003, 2004, 2005, 2007 e 2011), fundamentado na a Psicologia histórico-cultural.

De acordo com Vygotsky (2000), significado seria o arcabouço da palavra que auxilia o sujeito histórico-cultural a difundir suas experiências sociais. Contrapondo o sentido, o significado é uma produção social objetiva ao ato em que é aquinhoadada por todos os sujeitos pertencentes a uma determinada cultura (LURIA, 1986). Os significados configuram os mecanismos simbólicos da sociedade.

Quanto ao sentido, na concepção de Vygotsky (2000), é a o sujeito fazer uso da consciência, por meio da palavra, de forma fluida e complexa, para expressar sua construção subjetiva individual. Para Rey (2005), a subjetividade é constituída por uma natureza complexa advinda de uma configuração histórico-cultural. Esse pesquisador cubano menciona que a dialética dá fim à dicotomização entre o individuo e a sociedade ao afetar ambos os sistemas. Destarte, a resignificação do homem como sujeito histórico é um processo de subjetivação. Quanto a esse aspecto, Rey (2005, p. 78) afirma que:

[...] a subjetividade não se internaliza, não é algo que vem de “fora” e que aparece “dentro”, o que seria uma forma de manter a dualidade em outros termos. [...] trata-se de compreender que a subjetividade não é algo que aparece somente no nível individual, mas que a própria cultura dentro da qual se constitui o sujeito individual, e da qual é também constituinte, representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade.

Nessa perspectiva, o lazer representa uma prática social atravessada por processos que configuram a subjetividade humana, na qual os sentidos e os significados se entrelaçam de forma contraditória e complementar. Sendo assim, a pesquisa desses elementos nas práticas culturais e sociais, aqui proposta, pretende dar visibilidade a esses intercâmbios no contexto prisional. Isso posto, apresentamos, no próximo item as práticas de lazer na unidade prisional pesquisada e seu potencial pedagógico num contexto periférico, dentro da perspectiva formativa a que essa obra se propõe.

### Concepção de Lazer

No campo do lazer, a apresentaremos o conceito a partir do ponto de vista Christianne Gomes, e partindo do conceito formulado por essa autora, entende-se o seguinte:

[u]ma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2004, p. 125).

Dentro dessa ótica, o lazer representa algo que possibilita a vivência de experiências culturais individuais ou coletivas, capazes de produzir no sujeito valores necessários a uma vida cotidiana dotada de regras e posturas necessárias a uma vivência comunitária. Além disso, Gomes, Lacerda e Pinheiro (2010) apontam que o lazer constitui uma dimensão da cultura, configurada a partir do contexto sócio-histórico-cultural do sujeito, sendo, portanto, uma necessidade humana:

[a]ssim, o lazer é constituído conforme as peculiaridades do contexto no qual é desenvolvido e implica produção – no sentido de reprodução, construção e transformação de práticas culturais vivenciadas ludicamente por pessoas, grupos, sociedades e instituições. Essas ações são construídas em um tempo/espaço social, dialogam e sofrem interferências das demais esferas da vida em sociedade e nos permitem ressignificar, simbólica e continuamente, a cultura (GOMES, 2010, p. 34).

Diante aos apontamentos de Gomes (2004), compreendemos o lazer como uma dimensão da cultura repleta de possibilidades para a produção humana. Entretanto, é comum constatar dimensões pontuais acerca do fenômeno reduzindo-o a uma única dimensão na abordagem dos seus conteúdos culturais. Nesse aspecto, se associa, por

exemplo, a experiência individual como uma produção exclusiva do indivíduo, fora de um contexto mais amplo.

Diante das concepções de lazer apresentadas, cumpre refletir quão importante é aprofundar a discussão referente às práticas de lazer dentro dos presídios. Sendo o lazer um direito social previsto na Lei de Execuções Penais - LEP, cabe ao Poder público competente avaliar as produções artísticas e culturais advindas dos presídios como produções de trabalho, proporcionando, assim, direito à remição e estímulo a novas vivências. Nessa perspectiva, o lazer, no contexto prisional, representa uma possibilidade concreta de gerar sociabilidade e socialização para os sujeitos privados de liberdade, ao romper com seu confinamento a processos exclusivamente punitivos.

Perante isso, remetemos a discussão à perspectiva histórico-cultural, para compreensão dos conceitos de subjetividade, significado, sentido e sujeito.

### **Quanto ao uso da televisão e suas ambiguidades: entre a alienação e a busca de sentidos em um mundo de reclusão.**

A televisão é o lazer mais importante aqui dentro da APAC. Por meio dela, eu saio diariamente da cadeia: vou até a China e retorno a Belo Horizonte, sem sair do presídio (N.C.C., 10/01/2014).

Conforme atesta o trecho usado como epígrafe, acima, a pesquisa de campo nos revelou que a televisão representava uma das principais fontes de lazer na APAC pesquisada. O acesso à televisão é assegurado a todos, no sistema fechado. Em cada galeria<sup>4</sup>, havia um aparelho de TV que, nos horários prefixados pela diretoria, podia ser ligado (na parte da manhã, entre 06h e 08h30min; na parte da tarde, entre 12h e 13h30min, e, o noturno, entre 17h e 22 h).

Nesse aspecto, a televisão representava um veículo de comunicação que poderia se tornar sedutor; principalmente, para a condição de apenado, já que esse instrumento mobiliza os sentidos humanos, provocando, entre outros estímulos, sensações de prazer, alegria, tristeza, medo e curiosidade. Por outro lado, constitui-se como aparelho que produz alienação, em uma sociedade consumista que induz à mercantilização das relações sociais.

---

<sup>4</sup> Galeria - nome atribuído, pelos apenados do sistema APAC estudado, aos blocos com dormitórios/celas.



Autores como Aranha (1986), Marcondes Filho (1988), Arbex (1996) e Bucci (2003) apresentam os programas televisivos (esportes, programas de auditório, novelas e noticiários) como instrumentos de lazer e de entretenimento eficazes, porque captam os anseios de seu público, inserido em uma sociedade marcada por assimetrias de classes, raça e gênero, provocando, nos seus espectadores a apreciação de imagens de locais que, provavelmente, nunca visitarão, envolvendo seus espectadores com imagens de esportes que dificilmente praticarão, sendo um momento de lazer e de entretenimento para a maioria da população, independentemente da sua faixa etária.

De acordo com Aranha (1986), a TV se aproveita do caráter alienante do trabalho, da fadiga do dia a dia, da incerteza e da insegurança de nossa sociedade capitalista para nos oferecer um mundo fantasioso, recheado de imagens sedutoras. A televisão cria, então, um mundo espetacular, que mobiliza nossos sentidos, dando-nos a falsa impressão de que estamos agindo de forma ativa, algo situado na esfera do lazer e do entretenimento:

[e]m um mundo em que o trabalho e o consumo são alienados, é difícil evitar que o lazer também não o seja. A passividade e o embrutecimento naquelas atividades repercutem no tempo livre. Sabe-se que pessoas submetidas a um trabalho mecânico e repetitivo em uma linha de montagem têm o tempo livre ameaçado pela fadiga mais psíquica do que física, tornando-se incapazes de se divertir. Ou então, exatamente o contrário, procurando compensações violentas que as recuperem do amortecimento dos sentidos (ARANHA, 1986, p. 66).

Para essa autora, a televisão magnetiza os telespectadores porque tem uma linguagem baseada no entretenimento, na sedução, algo que não se encontra com facilidade quando se atua em ofícios que exigem esforços repetitivos e mecânicos, em locais de trabalho que fomentam a competitividade, que geram fadiga mais psíquica do que física. Tais situações produzem o amortecimento dos sentidos fisiológicos, recuperados, não raro, por cenas e espetáculos televisivos violentos. Será que em um sistema prisional como a APAC, a televisão se vale da reclusão para dar sentido à vida dos recuperandos<sup>5</sup>? De acordo com um dos sujeitos entrevistados por esta pesquisa, a televisão constitui um campo marcado por ambiguidades que geram entretenimento e tensões, quando a violência se torna o grande espetáculo televisivo dos últimos tempos. A naturalização da violência foi

---

<sup>5</sup> Recuperandos - termo utilizado, pelo Sistema APAC, para se referir ao público aprisionado.



apontada como uma das consequências graves desse cenário, conforme atesta, por exemplo, o excerto transcrito abaixo:

Ó, gosto muito, sou viciado em televisão. Gosto muito mesmo de assistir televisão. Não gosto de rádio. Gosto mais de assistir televisão. E jornalismo, eu não gosto de assistir jornalismo, que eu tenho a mania de falar, “carnicento,” que é aquele jornal que fica pegando qualquer matéria, mostra mãe chorando em cima do corpo, polícia entrando dentro da favela, eu não gosto de assistir mais esse jornalismo. Eu gosto de assistir aquele jornal rico em detalhe, que mostra umas matérias bacana, que nem eu gosto de assistir “Domingo Espetacular”, mas quando tem uma matéria bacana que vai me ajudar a somar em alguma coisa. Eu sou fã do “Pequenas Empresas e Grandes Negócios”, “Globo Rural” também eu gosto de assistir muito e “Jornal da Record” eu vejo muito é... mostrando muita coisa referente ao crime, sabe. E da Globo eu já não vejo mostrando muita coisa referente ao crime, sabe? E é engraçado que antes, eu mesmo particularmente, que vivi minha vida quase toda no crime, nunca tive uma profissão na minha vida, **fui criado dentro do crime e vivi minha vida quase toda dentro do crime**. E antes quando eu via uma pessoa morta na rua, eu achava um barato. Pra mim aquilo ali era coisa normal, sabe. Ou até mesmo quando eu mesmo já fiz minhas loucuras na vida do crime, tirar a vida de alguma pessoa sabe, eu achava aquilo ali uma coisa natural e hoje mesmo eu consigo ver que o crime já não está morando mais dentro de mim, porque hoje eu assisto uma televisão. Quando eu vejo uma cena dessa, uma cena que eu achava natural, hoje eu falo, “pô, que cara doido, veio. Como é que um cara tá fazendo um trem desse aí, está estuprando uma mulher, matando uma criancinha,” sabe? Mais ou menos eu consigo ver umas coisas que quando eu tava na vida do crime eu tava doente. Através do jornalismo eu consigo tirar uma coisa boa. Eu fico vendo e fico pensando: “porra veio, eu fazia aquilo ali tudo.” Hoje eu vejo que agora eu estou fora do crime, eu tenho uma visão que eu estava doente quando eu tava na vida do crime, eu estava fazendo tudo aquilo que eu via no jornal. Foi ontem... eu estava assistindo o “Fantástico”, estava mostrando uma matéria, algumas pessoas sofrendo com câncer, aí os caras estavam assistindo e eu também, eu fui e tirei daquele canal e pus em outro canal porque eu não estava querendo ver aquela cena, sabe, de pessoas sofrendo. Que nem jornal também, que eu vejo uma matéria de mãe chorando em cima do corpo de uma pessoa lá fora, eu já não procuro ver isso daí mais. Eu acho até essa iniciativa da APAC de não deixar a gente assistir outros canais é até bacana. Eu não acho errado não, porque tem canal que mostra muita coisa que faz a gente lembrar da vida do crime, sabe Walesson. E a APAC procura afastar a gente totalmente do crime, sabe. Não procura ficar deixando a gente ter lembrança do crime e a televisão eu vejo dessa forma. A novela, eu gosto da novela, sabe, mas eu estou começando a tomar um pouco de raiva de novela que eu estou vendo muita cena ali que ensina muita coisa ruim pra pessoa, sabe? É isso daí mesmo. (Sujeito 3)

Nesse enredo, como a busca pela audiência apresenta um elemento central, a televisão coloca a informação em segundo plano, até mesmo nos noticiários jornalísticos. Nesse universo tão limitado, mesmo uma reportagem de caráter informativo torna-se, geralmente, caracterizada como fonte de lazer e de entretenimento. Quanto a isso, Bucci (1996) denuncia a espetacularização do jornalismo que repete a mesma cena centenas de vezes, banalizando seu conteúdo e produzindo amortecimento aos sentidos fisiológicos. Para ilustrar esse formato jornalístico, tomo como exemplo à queda do avião que transportava o candidato a presidente da república, ocorrido em Santos - São Paulo, no

mês de agosto de 2014, o jornalista tornou o desastre um acontecimento secundário, exibido exageradamente pela televisão, já que o *show* produzido por uma imagem assustadora passou a ser o foco principal da sua notícia. A propósito disso, Bucci (1996, p. 43) apresenta este comentário:

[a] TV tem na informação jornalística um produto secundário. Seu negócio é o entretenimento. Daí a vocação para o espetáculo, o apelo à emoção. Mesmo os documentários não podem fugir à obrigação de emocionar. E o critério da emoção que faz com que imagens que já não informam nada de novo sejam repetidas sem parar. O gol de placa tem replays ao longo da semana. A trombada que matou Ayrton Senna também. O objetivo é fazer durar a emoção. Por isso, na televisão, as tragédias não acontecem simplesmente: elas ficam acontecendo, num gerúndio interminável que não é o tempo dos fatos, mas o tempo das sensações. Diante das chamas, dos corpos no chão, o telespectador se deixa aprisionar, ou melhor, se deixa entreter, atraído por aquilo tudo (BUCCI, 1996, p. 43).

Observa-se que o autor salienta que o “negócio” da televisão é o entretenimento e não a informação, já que os interesses comerciais impõem a estruturação da programação televisiva. Desse modo, a TV necessita “prender” a atenção do telespectador o máximo de tempo possível. A disputa pela audiência representa elemento que não pode ser desconsiderado quando se pretendem conhecer os mecanismos de funcionamento da televisão. De toda maneira, torna-se necessário destacar que se trata de um entretenimento alienante que retira do telespectador sua capacidade de se posicionar criticamente diante de algo que o sucumbe. Nesse sentido, Marcondes Filho (1998, p. 54), ao diferenciar a TV do cinema, enfatiza, nestes termos, o peso comercial do tempo nas programações televisivas:

[a] televisão é então um meio de comunicação muito diferente do cinema, porque entre outras coisas vive da venda de cada minuto da programação, isto é, transforma em valor comercial seu tempo de emissão. Para cada minuto, existe um investimento, um preço, uma tabela e, sobretudo, um lucro. Já o cinema vende um produto inteiro – o filme – pelo qual o espectador paga adiantado na bilheteria, e uma vez no cinema assiste ao que vier. Na TV o telespectador pode a qualquer momento mudar de canal e a emissora sofrer perdas com isso. Este pequeno detalhe, que na verdade é o principal elemento na estrutura da televisão, explica porque a TV não pode gastar o tempo do receptor. Contrariamente, o cinema, que já tem o seu público assegurado pelo menos por uma hora e meia, tem possibilidade de jogar de diversas maneiras com esse tempo (MARCONDES FILHO, 1988, p. 9).

O entretenimento, o suspense e a dramatização são elementos constitutivos da linguagem da televisão, mesmo quando se exhibe uma reportagem. A espetacularização de tragédias naturaliza e banaliza a violência e o sofrimento de pessoas como se fossem

imagens despersonalizadas. Eugênio Bucci (1996) sublinhou o fato de a televisão nos proteger dos sentimentos dolorosos produzidos por uma catástrofe. Em vez de nos aproximar dos fatos, a televisão nos provoca a estranha sensação de nos fazer sentir imunes, protegidos contra certas tragédias:

[e]ntrevistada num dos programas sobre o acidente, uma testemunha contou que estava no quarto quando vislumbrou as chamas pela janela. Mas logo em seguida, abriu novamente. Precisava confirmar o que tinha acabado de ver. Olhou e ficou horrorizada. Talvez o telespectador alegue algo parecido: não desprega o olho do vídeo porque precisa ver para crer. Mas a televisão, ao contrário das janelas de verdade, não o aproxima de nada – ela protege de tudo. Quem viu pessoalmente as cenas do desastre se feriu na alma. Muita gente não conseguiu dormir depois. Quem vê pela televisão as mesmas imagens se sente imune. Bebe um uísque, relaxa na poltrona. Sente um prazer estranho. Pede BIS e é atendido (BUCCI, 1996, p. 64).

A televisão e sua composição, estabelecida por imagens, voz e movimento, desobrigam as pessoas, dessa forma, não somente da tarefa de refletir e de concentrar, mas, também, de viver intensamente suas emoções. Como destaca Marcondes Filho (1998), em razão de sua organização estrutural por blocos de comerciais, a televisão aborta nossas emoções, impedindo que vivamos nossos sentimentos de forma intensa. Quanto a esse aspecto, esse pesquisador comenta o seguinte:

[a] televisão adiciona um elemento estranho, um fato anormal dentro da mensagem cinematográfica, que muda radicalmente seu sentido, isto é, toda energia e emoção que o espectador tirava do filme são liberadas na mensagem comercial, que funciona como um descanso (na verdade um desvio) da tensão anteriormente criada. Ora, a tensão do filme não é algo necessariamente ruim: é a mobilização de emoções e sentimentos que levam à pessoa a exercitar e refletir sobre suas próprias sensações físicas. O desenrolar da estória é um pouco de vivência na medida em que aciona os mesmos mecanismos psíquicos das emoções reais e vivê-las intensamente é praticar as emoções reativando-as. Assim, na televisão, os filmes continuamente interrompidos, provocam uma retração da emoção em cada parada, um alívio, através da mensagem publicitária. Isto pode ajudar a venda de mercadorias, mas vicia o espectador na prática de economizar emoções, de vivê-las muito rapidamente e logo a seguir suprimi-las (MARCONDES FILHO, 1988, p. 20).

No contexto da APAC, todavia, a televisão ganha novos significados. Como a instituição se encontra segregada da sociedade mais ampla, a televisão representa uma fonte limitada de contato com o mundo, um meio de se receber informações sobre a região da qual o apenado é proveniente. Além disso, a televisão constitui, também, uma forma de ocupação do tempo, um meio de se distrair.

A direção da APAC, embora não censure qualquer emissora de televisão disponível na grande mídia, estimula os condenados a assistir ao jornalismo da Rede Globo. Isso porque os programas jornalísticos de outras emissoras, em razão de seu caráter sensacionalista, enfatizam, não raro, o caráter espetacular do “mundo do crime”, aspecto considerado pouco saudável em um processo de ressocialização, segundo a avaliação dos coordenadores. De todo modo, poderia representar um momento pedagógico a ser explorado pela instituição, ao articular lazer com processos educativos geradores de sociabilidade e inclusão social (BAUMAN,2003).

Conquanto as demais emissoras deixem sobressair o caráter sensacionalista de suas matérias jornalísticas, o noticiário da Rede Globo obviamente não é imparcial. Para Bourdieu (1998), o jornalista busca transformar o ordinário em extraordinário, o cotidiano em espetáculo. O *marketing* televisivo opera com palavras simples e trilhas sonoras, visando magnetizar o telespectador pelo programa prescrito. Nesse ponto, o autor comenta:

[o]s jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio da seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância e gravidade, e o caráter dramático, trágico. Com palavras comuns, não se faz cair o queixo do “povo” (BOURDIEU, 1998, p. 26).

Dessa forma, pode-se afirmar que as imagens e informações apresentadas nos noticiários não são imparciais, como esses veículos nos querem fazer crer. Na verdade, são resultados de escolhas políticas, econômicas e ideológicas operadas pelos responsáveis pela exibição da programação. A produção desse verdadeiro processo de alienação, no qual as pessoas se tornam estranhas a si mesmas indica a necessidade de se constituir atividades educativas, no sistema prisional, capazes de ensejar reflexões críticas acerca desses mecanismos.

[a] tevê (...), apesar de nos trazer uma imagem concreta, não fornece uma reprodução fiel da realidade. Uma reportagem de tevê, com transmissão direta, é o resultado de vários pontos de vista: 1) do *realizador*, que controla e seleciona as imagens num monitor; 2) do *produtor*, que poderá efetuar cortes arbitrários; 3) do *cameraman*, que seleciona os ângulos de filmagem, finalmente de todos aqueles capazes de intervir no processo de transmissão. Por outro lado, alternando sempre os *closes* (apenas o rosto do personagem no vídeo, por exemplo) com cenas reduzidas (a vista geral de uma multidão), a televisão não dá ao espectador a liberdade de escolher o essencial ou acidental, ou seja, aquilo que ele deseja ver em grandes ou pequenos planos. Dessa forma, o veículo impõe ao receptor a sua maneira especialíssima de ver o real (SODRÉ, 1987, p. 61).

Durante a entrevista com um dos pesquisados, ele mencionou a importância da televisão naquele espaço prisional como instrumento que lhe proporcionava liberdade, no entanto, percebe-se em sua fala o caráter alienante desse veículo de comunicação, conforme se lê abaixo:

[p]rofessor, a televisão em si, eu acho que eu, igual eu tinha falado, né, que é um meio que a gente vai até pra outro mundo. Porque assim, a televisão acho que distrai muito a cabeça, a mente da gente que está recluso da liberdade. Porque eu, quando eu era mais jovem, quando eu ficava em casa, eu tinha aquele tempo pra mim sentar pra assistir televisão com a minha família, com meu pai, com meus irmãos, a minha mãe. Pra assistir um jogo de futebol, um jornal, uma novela. Então assim, em si, pra mim agora que eu estou dentro da prisão, eu já acho que a gente vai... com a imaginação a gente vai aonde a gente quer através daquela imagem ou aquela cena que a gente está vendo na televisão. Então, pra mim, eu acho bacana e a televisão também ajuda a gente muito a ficar sabendo das coisas que está acontecendo no mundo hoje em dia lá fora. Que igual a pessoa que está reclusa muitos anos, eu, por exemplo, estou há quatro anos, então a gente não sabe o que que está acontecendo no dia a dia (Sujeito 2).

Diante dessas condições de reclusão, nota-se que esse entrevistado tenta fugir da sua alienação do mundo por meio de um instrumento artificial, mas esse acaba remetendo-o a um mundo reproduzido por imagens teleguiadas. Contudo, essa faceta não é linear; em outra entrevista, com um jovem homossexual, ele vê a televisão como importante aliado na luta contra o preconceito, ao salientar que:

[t]em algumas coisas em novelas que é fútil, mas tem muita coisa que é legal. Porque hoje em dia aborda muito tema de preconceito, muito tema de droga, muito tema de questões de doença em que as pessoas... é normal. É normal. Porque uma vez eu tive uma discussão com uma pessoa do sistema comum, que ela falou que não existe uma pessoa do mesmo sexo fiel. Aí, eu fui e abordei pra ele e perguntei: existe mulher fiel? Existe. Então, o mesmo sentimento que existe mulher fiel, existe uma pessoa do mesmo sexo fiel a outra. Existe mulher galinha? Existe homem galinha? Existe homossexual também galinha. Então, é a forma do momento em que a pessoa vive. E quebra muito preconceito na cabeça dos outros vendo aquilo na televisão (Sujeito 5).

Mais uma vez, fica evidente que a televisão, mesmo com suas limitações, representa uma experiência que pode provocar diálogo crítico entre os aprisionados. O desenvolvimento de uma Educação Social (OLIVEIRA, 2004) junto a essa população pode provocar ressignificação na concepção de suas relações e representações entre os sujeitos e suas redes de vínculos. Para outro entrevistado, a televisão traz outros significados e sentidos, porque:

[]Leva você prá longe. Você chora, você ri, você se sente livre. Sente livre, livre, livre. (...). A televisão, o que me faz mais chorar é quando vejo programa de pessoas encontrando a família... [...]De superação. Eu gosto muito do programa da Xuxa que me leva eu na minha infância. Na minha infância, desde pequeno lembro que não tinha CD. Tinha fita e tinha LP. Minha avó me deu o LP dela, tenho muito LP dela. Quando ela fez 50 anos, aí eu fui ver o programa dela, foi difícil pra ver porque passou tudo... [...] Quando você vê aquela reportagem, fotos desse negócio que passa na televisão, aquela família unida almoçando... eu tenho saudade disso, da minha família. Todos unidos, todos. A gente ia pra casa da minha tia e lá..., eram os primos, os tios, tudo reunido. Em volta da televisão. A gente cresceu também vendo Raul Gil, vendo Raul Gil. Minha avó via, minha tia via, você ia na casa da minha tia, sempre estava vendo Raul Gil. [...] É, porque me leva eu pra perto dela, que não é parede, que age... alguma coisa que... Da minha raiz.

Apesar de o significado instituído pelas emissoras de TV ser estabelecido como momentos homogêneos para distintos públicos/telespectadores-alvo, os sentidos que lhes são atribuídos são singulares, conforme a história pessoal e social de cada sujeito (REY, 2003). No caso do entrevistado acima, ele ressignificou a TV, referindo-se à televisão com um objeto mágico que pudesse levá-lo para além das paredes do presídio. A zona de sentido (REY, 2004a) produzida pelo programa de TV possibilitava-lhe sentir sensações experimentadas, até então, somente no seio da sua família, carregadas de emoções e simbolismos articulados à sua dinâmica familiar e aos significados atribuídos pelo seu contexto histórico-cultural. Esses sentidos, todavia, não são muito explorados como conteúdos reflexivos nas atividades terapêuticas e/ou educativas do sistema prisional pesquisado.

De todo modo, assistir a programas de televisão se apresentava como momento marcado de ambiguidades que, conceitualmente, se insere em um âmbito cultural, que pode se revestir tanto de um caráter alienante quanto de um caráter transformador. De acordo com o *Dicionário Crítico de Lazer* (GOMES, 2004), a televisão é assim caracterizada:

[a] televisão é um fenômeno social e cultural mais impressionante da história da humanidade. É o maior instrumento de socialização que jamais existiu, pois nenhum outro meio de comunicação da história havia ocupado tantas horas da vida cotidiana dos cidadãos, fascinando-os e penetrando no seu imaginário social [...] A televisão consegue fazer uma síntese entre a magia da imagem, aquela advinda do cinema, e o imediatismo do rádio. Por isso, a existência de uma força simbólica ou, como dizia Bourdieu, de um poder simbólico. Thompson (1998) explica que uma das conquistas técnicas da televisão é sua capacidade de utilizar grande quantidade de “deixas simbólicas”, tanto do tipo auditivo quanto visual. Diferentemente do rádio ou jornal, que se restringem à fala ou a escrita (PIRES; RIBEIRO, 2004, p. 214).



Assim sendo, o estudo desenvolvido revelou que o uso da TV na APAC necessita ser repensado na perspectiva de oferecer momentos culturais mais relevantes e atividades reflexivas para o desenvolvimento crítico dos apenados. Dando sequência, no tópico seguinte trataremos de apresentar os usos, sentidos e significados do futebol dentro da instituição pesquisada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ressaltamos que o lazer representa atividade complexa, suscetível a levar o sujeito a produzir sentidos distintos em ações desempenhadas durante o momento de descontração; no entanto, a política pública prisional não se vale do seu caráter educativo. Destarte, contrapõe a isso, usufruindo do lazer apenas de maneira utilitarista, visando esgotar as energias dos detentos, acreditando que, dessa maneira, estaria prevenindo a violência entre os apenados. Mais uma vez, ficou evidente a necessidade de se refletir, com os sujeitos apenados, as tensões, sentidos e significados presentes nessa prática social (REY, 2003).

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. A. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986.
- ARBEX JR., José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Poder da TV*. São Paulo: Scipione, 1998.
- BARROS, Vanessa. Prisões oferecem "passa-tempo" para preso, e não trabalho profissional, diz pesquisadora. Entrevista concedida a Bragon Rayder. *UOL Notícias*, 14 nov. 2008. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2008/11/14/ult5772u1517.jhtm>>. Acesso em 05 jan. 2012.
- BAUMAN, Zygmund. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BAUMAN, Zygmund. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Vidas Desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Danos Colaterais*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Tradução de Maria A. Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A TV 50 anos - criticando a TV brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- CARRANO, P. C. R. *Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. Orientador: Osmar Fávero. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação Física e Desportos, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999. 450p.
- DAYRELL, Juarez. A Escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares na educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. p. 136-161.
- DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena. O rap e funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ELIZALDE, Rodrigo. El ocio entendido desde la Teoría del Desarrollo a Escala Humana: Buscando experiencias de aprendizajes para la transformación social. 10º Congreso Nacional de Recreación, Bogotá, Colombia, 2008. Disponível em: <http://www.redcreacion.org/documentos/congreso10/RElizalde.html>. Acesso em: 10/10/2012
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- GOMES, Christianne Luce (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GOMES, Christianne Luce; LACERDA, Leonardo; PINHEIRO, Marcos Pinheiro. *Lazer, turismo e inclusão social: intervenção com idosos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- LURIA, A. R. O problema da linguagem e a consciência. In: LURIA, A. R. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein e Mario Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão - a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.
- MARQUES, Walter Ernesto Ude. Pedagogia Social: uma disciplina emergente. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 10, n. 59, p. 19-27, set. 2004.**
- \_\_\_\_\_. ***Produção Social de Criança e do Adolescente Marginalizado*. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.**
- OLIVEIRA, Walter F. de. Educação social de rua: bases históricas, políticas e pedagógicas. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 135-158, jan.-mar 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n1/07.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- REY, F. L. G. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação*, São Paulo, EDUC, n. 1, 1995.
- REY, F. L. G. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. La Habana: Pueblo e Educación, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. Tradução de Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.
- \_\_\_\_\_. O sujeito, a subjetividade e o outro na dialética complexa do desenvolvimento humano. In: MITJÁNS-MARTÍNEZ, A.; SIMÃO, L. M. (Org.). *O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004a. p. 1-27.

\_\_\_\_\_. *O Sujeito na Psicologia e a Psicologia Social – a emergência do sujeito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004b.

REY, F. L. G. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

\_\_\_\_\_. *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural*. Tradução de Guillermo Mathias Gamucio. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. Tradução de Marcel A. F. Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

REY, F. L. G. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação*, São Paulo, EDUCA, 1995/1999.

SPÓSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 161-178, nov. 1994. Disponível em: <<http://www.observatoriodeseguranca.org/files/A%20sociabilidade%20juvenil%20e%20a%20rua.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade... *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, v. 5, n. 1-2, 1993, editada em 1996.

SPÓSITO, M. P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ed. Ação Educativa, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2010.

UDE, W. *et al.* Complexidade, Educação Social e Saúde: diálogos teórico-metodológicos para a construção de uma prática profissional mais integradora. In: XAVIER, C. C.; JESUS, R. M. (Org.). *Educação, Cultura e Complexidade: diálogos Brasil - Cuba*, Belo Horizonte: Argumentum, 2010. p. 83-89.

UDE, W. E. Juventude, violência e masculinidade. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 13, n. 75, p. 15-20, mai.-jun. 2007a.

UDE, W. E. Amitié bandite: jeunesse, violence et masculinité. *Adolescence*, v. 25, n. 3, p. 671-676, 2007b.

VYGOTSKY, Lev S. *Formação Social da Mente*. Tradução de José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e palavra. In: \_\_\_\_\_. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 395-489.

\_\_\_\_\_. *Psicologia pedagógica*. Tradução de Paulo Bezerra. Porto Alegre: Artmed, 2003.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LEONTIEV, A. *et al.* *Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005. p. 103-119.

\_\_\_\_\_. O problema da consciência. In: VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Teoria e método em Psicologia*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 171-189.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.